



João
Barreiros

Uma Noite na Periferia do Império



Título: Uma Noite na Periferia do Império

Autor: João Barreiros

Capa: Gabriel Bozano / Jorge Candeias

Revisão: José Saraiva / Jorge Candeias

Publicado originalmente em: Inconsequências na Periferia do Império —
Câmara Municipal de Cascais (1996)

Outras publicações:
E-nigma Pro (2002)

Os e-books editados pelo E-nigma são publicados por acordo com os seus autores e o *copyright* permanece na posse do autor. A reprodução destes e-books é livre se e só se o texto se mantiver inalterado e sob a forma original deste PDF, e na medida em que não haja aproveitamento comercial. A cópia, aluguer ou qualquer outra transacção destas publicações a troco de dinheiro está expressamente proibida.

Editor: E-nigma (www.ficcao.online.pt/E-nigma) / Jorge Candeias

Edição n.º: NE-7/2003

Ajude o E-nigma a oferecer-lhe cada vez mais e melhor literatura fantástica. Veja como em
www.ficcao.online.pt/E-nigma

1

O Embaixador Cultural dos Croap'tic, Sua Senhoria CantoFranco, desembarca no novo astroporto da Portela com as penas da cauda todas ensarilhadas. A culpa não é sua, dado que costuma gastar horas entregue aos cuidados da higiene, mas sim das piruetas aviônicas que o vaivém orbital sofreu para se escapar ao caos ascendente de outros módulos pilotados por IAs perfeitamente stressadas pela greve dos controladores. As pobres patas, protegidas pelas placas ornamentais da Guilda dos Bem Pensantes, mal o sustentam, agora que são obrigadas a suportar uma carga adicional de vinte quilos de ossos, mais equipamento de sobrevivência em ambiente hostil, além da cápsula criogénica onde viaja, ainda arrefecido à temperatura do nitrogénio líquido, o seu fiel servo proto-braquiante Chirptic.

Estarrecido, em pleno centro do hall de chegada, com o berlinde negro dos olhos todo arremelhado em busca de um qualquer funcionário que lhe possa oferecer um mínimo de indicações, o Embaixador contempla um piquete de controladores aéreos em greve. As criaturas, de punhos erguidos, com os crânios rapados cheios de fichas de integração, desfilam de um lado para o outro, sacodem cartazes de protesto que o mini tradutor semântico acoplado ao nervo óptico sugere tratar-se de algo parecido com: MAIS TRABALHO PARA OS CIRCUITOS HÚMIDOS, ABAIXO AS COISAS DURAS! Enfim, frases provavelmente destituídas de qualquer conteúdo semiótico.

Humanos correm apressados, em círculos, sempre a sacudir maços de formulários, como se não tivessem mais nenhum objectivo na vida senão circular assim, a esmo, através da imensidão da sala. Alguns deles, periclitantes, sujeitos à universal praga da senescência e entropia, deslizam amarrados a cadeirinhas cheias de circuitos a piscar, enquanto outros, mais atléticos, exibem bíceps e glândulas mamárias a quem

por bom preço lhes queira mexer. Aqui e ali, dispersas no meio da turba, umas quantas matriarcas com crias de assalto no arrasto esbofeteiam-nas, para melhor estimularem os vagidos de guerra (pelo menos é essa a impressão do Embaixador), e em resposta as crias berram, desalmadas, sacudindo desintegradores de plástico, espadas laser, ou placas de jogos de simulação entre os dedinhos sapudos.

O bando de alienígenas comprime-se, mistura-se, dilui-se, numa azáfama de sons, de insultos, de perfumes sintéticos supressores da agressividade e baforadas involuntárias de feromonas sexuais. E como se tudo isto não bastasse, como se não bastassem os berros de agonia dos controladores a serem perseguidos por descargas electrostáticas que chovem do alto, os altifalantes direccionais invectivam ordens incompreensíveis aos ouvidos delicados do Embaixador.

CantoFranco inclina para trás o pescoço serpenteado, torce-o como costuma fazer na Embaixada para reclamar a atenção dos mal-nascidos, desdobra as penas da cauda para mostrar a todos como é perfeita e sublime a antiguidade da sua estirpe, e é precisamente nesse instante que uma das crias de assalto se chega junto dele à socapa, e cobardemente lhe arranca uma das ditas penas que demoram dez anos standard a crescer. O Embaixador berra, os controladores aéreos, lá mais ao fundo, fazem coro mas por outros motivos, os altifalantes insistem nas ordens subliminais, e o puto, com o prémio levantado na mão, desaparece no meio de todo este caos para nunca mais ser visto.

Por todo o lado, contra as paredes distantes, um pouco abaixo do tecto invisível, vêem-se hologramas a invocar o nojo de bocas carnudas e escancaradas a descobrirem o marfim das presas necrófagas, ou então corpos humanóides seminus, sem o mínimo tufo decente de penugem, abraçados a artefactos tão brilhantes e polidos quanto eles. O Embaixador adeja uma das asas, abre o bico para trinar um cântico de chegada, para se dar a conhecer, se é que alguém resolveu vir buscá-lo, mas depois lembra-se de que está aqui incógnito, em visita secreta e discreta a esta capital terciária perdida num braço periférico da Galáxia.

Ei-lo enfim num mundo exógeno onde a evolução sofreu regras aleatórias. Ei-lo no único planeta conhecido onde os braquiantes são sofotes de pleno direito. Sofotes e agressivos, ainda por cima, como se não fizessem a menor ideia do respeito que

se deve a quem lhes é superior.

Resignado, o Embaixador poisa a cápsula criogénica no meio do chão, espadana as asas para ver se espanta os mirones mais afoitos, trina o código de acesso aos selos de pressão e, obediente, a mala desfaz-se em duas, jactos de vapor condensado escapam-se, discretos, em novelos de geada, o pseudo-útero rasga-se a meio, deixando emergir a forma entorpecida do Chirptic.

Ao despertar, o proto-braquiante espreguiça-se, enrola a cauda à volta da cintura e corre a abraçar a pata escamosa do Embaixador.

— Mestre! Ai Mestre, que alegria... — clama num guincho que é suposto ser trinado — Um belo jardim florido para ti... Uma manhã cheia de frutos maduros... Uma melodia territorial ao fim da tarde... Que nunca o teu ninho fique sujo pelas fezes de um...

— Já chega! — responde o Embaixador, embaraçado pelas efusões afectivas do seu familiar. À sua volta, o círculo de humanos ainda não deixou de crescer. Há quem sacuda punhos, exhiba dedos médios entre dois dedos encolhidos e debite frases que o tradutor se recusa a traduzir. — Pega nas bagagens. Liga o amplificador gnóstico... Preciso de todas as tuas funções cognitivas em actividade máxima. Agora vê lá se consegues descobrir o caminho até ao Controlo Alfandegário...

Dias antes, ainda em órbita, o Embaixador foi avisado que as alfândegas da Terra se tinham transformado num tormento de minúcia burocrática. Todos os viajantes não-humanos eram, por força das circunstâncias, forçados a preencher manualmente nem mais nem menos do que trinta impressos. Juras de honra, seguros de vida, declarações de consumíveis, isenções de responsabilidade e imunidade bacteriana, afiliações políticas, para tudo havia papelada. Actividades que um Croap'tic, com apenas dois dedos vestigiais, nunca conseguiria levar a cabo se não fosse a fiel prestação de serviços da espécie quase sofonte dos Chirptic.

E o Chirptic, finalmente terminadas as saudações de respeito hierárquico, de olhos arregalados perante a presença de tantas criaturas gigantescas, é certo, mas tão parecidas consigo, põe-se a pensar, aterrado, no que seria viver num mundo assim, um mundo sem Mestres, um mundo onde as aves (assim lhe contam os sensores gnósticos), nunca chegaram a atingir um grau sofôntico digno de nota. Um mundo ao

que parece quase sem jardins, sem penas, sem ninhos, sem a honra sublime de nos podermos deitar sobre os ovos do nosso Mestre...

— Estou à espera... — trina o Embaixador, irritado, com as unhas a rasparem contra o lajedo do átrio. As penas à volta do pescoço insuflam-se para mostrar quem manda em quem. Quanto às da cauda, CantoFranco mantêm-nas discretamente recolhidas, não vá outra criança de assalto provocar novas depredações.

Aterrado, a verter gotículas de urina odorífera, o Chirptic agarra nas pegadas das malas flutuantes e apressa-se na direcção do corredor que os implantes lhe dizem ser a saída. Atrás dele seguem alguns populares mais afoitos. *Abaixo, abaixo, zona anal*, vociferam alguns. O Chirptic não entende os motivos de tanta comoção. Melhor assim. O seu dever é estar atento aos desejos do Mestre e ignorar todas as distrações periféricas a este problema principal.

O funcionário da alfândega, com os olhos perdidos na placa do *scanner*, mal levanta a cabeça.

— Têm licença de importação de animais domésticos? Essa criatura foi devidamente desparasitada? Traz piolhos? Desinfectou as penas?

— Kroak! — esganiça-se o Embaixador absolutamente chocado, incapaz de articular qualquer expressão inteligível. — Insulto racial! Abominação! Crime genético!

O Chirptic arregala os olhos lemurianos. As mãozinhas peludas tamborilam sobre o tampo da mesa, ansiosas por resolver a gafe do funcionário:

— Respeitável agente desta tão nobre raça, peço perdão por ousar corrigi-lo, mas em boa verdade sou *eu* o animal doméstico. O *polegar* oponível de Sua Senhoria. O seu companheiro fiel e esforçado. O meu grau sofôntico, convenhamos, é mínimo. Os meus raciocínios só existem por integração directa com os lobos pré-frontais do meu Mestre Bem Amado...

— Ai sim... Quer dizer que é o criado desse pavão? Bom, há gostos para tudo... Vocês, os Exóticos, são tantos... E depois adoram fazer caixinha como se nós fôssemos obrigados a saber quem é que pertence a quem... Olhe, confusões destas acontecem... Bom, mas vamos lá ao que interessa... Papéis! Documentos! Certidões! Certificados!

CantoFranco ergue o pescoço num movimento serpentino. Asas espadanam, libertando micro-penugens que se vão alojar nos canais respiratórios, já de si saturados, do humano. Garras raspam a alcatifa puída. Os olhos do funcionário começam a brilhar com uma expressão cada vez mais maldosa, enquanto o Chirptic, frenético, com uma das maletas abertas sobre o tampo da mesa, vai procurando, em desespero de causa, todos os formulários que lhe foram confiados durante a estada na Estação Orbital.

— Este incidente não ficará atolado no silêncio aquiescente dos bem pensantes... — insiste o Embaixador, indignado. — O seu comentário provocatório só pode revelar duas coisas. Ou o senhor ignora por completo o exercício das suas funções, ou resolveu insultar-me com um comentário etnocêntrico. De qualquer modo espere por uma queixa...

— Meu Senhor... Mestre... Cautela, que o vosso transtorno pode perturbar o exercício rítmico dos vossos inefáveis papos... Peço-vos que vos acalmeis... O stress nervoso...

O agente alfandegário arreganha as mandíbulas. Bocadinhos de matéria orgânica semi-mastigada espreitam entre os caninos.

— Com que então querem reclamar? Ótimo! Adoro Exóticos que reclamam. Mais formulários para preencher num português escorreito e inteligível, se fizerem favor. É necessário que a queixa seja devidamente explicadinha. E qual dos senhores é o queixoso, uhm? Sim, porque os regulamentos exigem absolutamente que qualquer queixa étnica seja feita apenas pela vítima... Neste caso específico, qual dos dois cavalheiros é a parte que se considera lesada?

— Kroak! — grasna o Embaixador sem nenhuma harmonia na voz.

— Serenidade, Mestre! Paz, Mestre! Um céu luminoso, Mestre! — chia o Chirptic, o proto-braquiante. — Respeitável humano, o Mestre não tem dedos... Como pode ele pegar numa caneta se...

— O problema não é meu. Ele que se amane. Pelos vistos, — comenta o funcionário com uma piscadela de olho para os colegas que não perderam pitada da cena — temos assunto para muitas horas...

2

Milhares de batimentos cardíacos depois, junto às comportas exteriores do Aeroporto, com todos os problemas resolvidos da melhor maneira possível, o Chirptic atreve-se a perguntar ao seu Mestre e Senhor:

— Perplexidade neste triste eu. Porquê tanta agressão da parte dos humanos? Humildemente requesito a explicação de tal mistério...

— Questões etnocêntricas que ultrapassam as tuas capacidades cognitivas... — responde o Embaixador num daqueles acessos magnânicos de pedagogia. — Os humanos evoluíram sozinhos, sem a ajuda dos avídeos. Levam a mal que não haja na Galáxia conhecida mais nenhuma espécie mamária que tenha passado pelo mesmo processo evolucionário. Em boa verdade, não gostam de saber que os braquiantes são nossos servos.

— Mas Mestre, a nossa função é sublime... Servimos de mãos aos melhores entre os melhores... Fabricamos artefactos que outros conceptualizaram... E somos *tão* felizes...

— Eu sei, meu bom Chirptic, — responde o Embaixador, cobrindo a criatura lemuriana com uma das asas em sinal de intimidade. — Eu sei que vocês não desejam ser outra coisa do que aquilo que já são. Mas estes arrivistas, estes humanos, desconhecem isso. Estão a projectar sobre nós complexos de natureza...

Infelizmente, o Embaixador não tem tempo para terminar este discurso tão edificante. De súbito, ei-los rodeados por vinte taxistas frenéticos, com luzinhas de presença a cintilarem-lhes sobre os bonés. "Taxi, senhores?", "Guia, senhores?", "Faço descontos especiais no transporte das bagagens, senhores", "Comigo, os animais de estimação têm tratamento VIP, estimados cavalheiros", "Por aqui, chefes", "Mais lá ao fundo, parceiros"...

O Embaixador olha em volta e só vê casacos de simil-couro, bonés luminescentes, dentes rasgados e dezenas de mãos a erguerem-se na direcção das bagagens flutuantes. O Chirptic chia, esganiçado, a correr de um canto para o outro, tentando salvar as malas, tentando proteger com o corpo esguio a vastidão portentosa do seu Mestre.

Por fim triunfa quem mais forte é. Um taxista possante, energizado por anos de esteróides anabólicos, pega no Chirptic em peso e arrasta-o na direcção do hover-taxi arrumado em cima do passeio. Aterrado perante a eminência deste rapto, Sua Senhoria CantoFranco segue logo atrás, de asas abertas, aos pulinhos, a piar. E as bagagens, obedientes, soltam-se das mãos que as prendiam e lançam-se a voar num voo rasante na pegada do grupo.

É noite, neste lado do mundo. O ar tresanda a gorduras cozidas. Para as bandas do astroporto ouvem-se os estrondos dos módulos orbitais a devorar ozono. Lasers de ejeção rasgam a treva sebosa num tracejado actínico. Em nenhum lado perpassa a sombra do perfume a jardins.

Depois de ter guardado a bagagem no respectivo compartimento do hover-taxi, o motorista senta-se aos controlos e aí fica sentado, durante vinte minutos, a dedilhar no volante. No assento traseiro o Chirptic tiritia de medo, enquanto Sua Senhoria solta piados confrangedores de agonia.

— Então? — pergunta-lhes o taxista ao fim de meia hora de espera. — Decidimo-nos ou não? Olhem que o tempo está a contar...

— Decidir o quê? — responde o Chirptic, manifestando em viva voz as interrogações silenciosas do seu Mestre.

— Para onde querem ir? Hotel ou passeio? Negócios ou prazer?

— O Mestre pretende visitar a vossa heráldica cidade... — explica o protobraquiante. — Está aqui incógnito, a prospectar terrenos para a edificação de futuras Embaixadas... quer ver coisas novas e esteticamente correctas.

Ziiip!, eleva-se o vidro de defesa entre o assento traseiro e o do condutor. **VROOOM!**, explode o turbo do taxi, activado com toda a energia de quem é profissional nestes assuntos. O veículo arranca, comprimindo os passageiros contra os estofos. Através do retrovisor, os olhinhos do motorista ora piscam, ora cintilam, maldo-

sos. Os lasers da Portela contraem-se na distância.

— Com que então uma visita *cultural*? Quer ver frangas? É isso? O seu patrão veio despejar as gónadas em terra alheia? Unh?

— Não percebo a alusão... — queixa-se o Chirptic. — Frangas?

— Cheira mal... — protesta Sua Senhoria, indiferente a tudo, num português arrastado.

— São os Olivais a arder... — explica o motorista. — Os meus amigos já repararam naquele clarão ali ao fundo? Estamos muito próximos da zona catástrofe. As autoridades andam a incinerar as zonas contaminadas pelas bactérias plastofágicas. Se quiserem saber a minha opinião, isso não serve de nada. Os vendavais provocados pelos disparos dos módulos orbitais só ajudam a dispersá-las por toda a Lisboa...

— Biohazard... — concorda o Chirptic. — Situação característica em Culturas de Grau 3...

— Parvalhões... — rosna o taxista entre dentes, rasando a poucos milímetros a forma bojuda de um camião carregado de nitrogénio líquido. — Mal chegam e já começam as bocas foleiras...

Lisboa, aos olhos do Embaixador, é uma cidade feita de rombos de negrume, prédios semi-demolidos, chumaços de vegetação parasita e pirâmides bancárias a ferver soluções de lucros rápidos. Arames farpados separam os bairros meio destruídos dos zigurates luminosos dos Centros Comerciais. Por fim, o hover-taxi imobiliza-se junto a um prédio da cidade antiga. O bloco ancestral foi pintado de novo com nanotinta e os pigmentos móveis desenham na fachada apelos em três línguas galácticas:

FRANGAS FRANGAS FRANGAS FRANGAS

SHOW ERÓTICO PARA EXÓTICOS

— Chegámos! — informa o taxista, travando mesmo em frente das portas abertas de par em par. — Gosta de dar cabo delas? Estostrar as gajas com uma Uzi? Torcer-lhes os pescoços? Degolá-las? Saltar-lhes para a espinha?

— Perdão? — pergunta o Embaixador. — Não percebi nada.

— Sua Senhoria está perplexa. — diz o Chirptic a saltitar sobre o banco traseiro, com os olhos esbugalhados. — Não entendeu o significado cultural deste empreendimento que ora visitamos, honrado funcionário dos transportes urbanos... Não se importava de esclarecer...

— Olhem, meus meninos... — replica o condutor, a acariciar a caixinha electrónica do taxímetro, que ainda não deixou de contar Euros. — Galinhas mutantes, to-pam? Estúpidas galinhas gigantes que só servem para uma coisa. Criadas especialmente para vocês, os Exóticos...

— Horror... horror... — sufoca Sua Senhoria absolutamente ultrajado pelo que ouviu.

— O Mestre está perturbado... — geme o Chirptic. — E quando o Mestre está perturbado, eu... as minhas capacidades gnósticas... sofrem... um decréscimo...

— Vamos lá a pagar e a sair... Vir aqui *comer* as gajas é o que vocês mais querem neste mundo... ou julgam que eu não sei? — ameaça o taxista, apontando para um orifício onde é suposto enfiar-se o cartão de crédito. — Olhem para esta Amélia a torcer o bico e a armar-se em fino... Porquê? Então não gosta das nossas galinhas? São estúpidas, mal sabem falar. Mas bem boas e apetitosas. Vocês dão cabo delas e depois a malta assa-as no churrasco...

— Horror... — insiste o Embaixador.

Entretanto, resignado, o Chirptic paga o preço escandaloso da corrida (vinte vezes mais do que a tarifa habitual), abre as comportas, assobia às malas e ajuda o Embaixador a descer do turbo-taxi.

— Põe-te nelas, oh pavão! — grita-lhes o taxista antes de arrancar no meio das alamedas desertas. — Aproveita enquanto podes...

3

Mal poisa a pata no passeio e eis que Sua Senhoria se vê rodeado por uma turba de funcionários humanos com máscaras de galo enfiadas na cabeça. Os funcionários tentam agarrar CantoFranco por uma das asas e puxá-lo para o interior do prédio onde hologramas de galinhas cacarejam e esgravatam a terra que cobre o pátio de acesso, com um sacudir de cristas que é suposto ser do mais profundo erotismo.

Sem saber o que fazer, o Chirptic chia e dá umas quantas corridinhas do Mestre para o chumaço de bagagens e das bagagens de volta ao Mestre.

— Entre, entre, entre... estas ruas não são seguras à noite... — dizem os pseudo-galináceos, nervosos e agitados, com os olhos a percorrerem as alamedas de momento desertas. — Divertimento absoluto ali dentro... preços acessíveis... todas as perversões disponíveis... Temos peruas, pavoas, moas e avestruzes em estoque, se não gostar das nossas frangainhas. Existe uma sala de espera confortável com saguins fêmeas para o seu... unh... ajudante...

— Não... não... — insiste Sua Senhoria, de unhas fincadas no lixo que cobre o passeio. — Não era isto que eu...

E depois é o caos. Da sombra de uma das velas laterais emerge um grupo de humanos armados até aos dentes. Trazem enfiadas na cabeça máscaras de gorila. Nas T-shirts negras, reluz um texto incompreensível: DOWN WITH GODZILLA! KING-KONG LIVES!

Os funcionários/galos berram de susto e correm a esconder-se no interior do prédio. Barreiras metálicas descem do alto, vedando todo o acesso ao interior. Poucos segundos bastam para que Sua Senhoria CantoFranco e Chirptic, o seu fiel extensor comunicativo e operatório, fiquem cercados por todo um conjunto de odores que tre-

sandam a morte e agressividade. Braços musculados encostam o Embaixador contra a parede tracejada pelos vergões de queimaduras recentes. Outros pegam no Chirptic ao colo e dão-lhe palmadinhas amigáveis nos ombros esguios.

— Estás liberto, camarada! — sussurram-lhe aos ouvidos. — Terminou a opressão étnica!

— Mas...

Aterrado, envolto numa nuvem de minúsculas penugens que se lhe desprenderam do corpo, CantoFranco não percebe nada da situação em que o meteram. O bico entreaberto deixa escapar alguns piados aflitos. Separaram-no dos seus *dedos*. Mas porquê? *Porquê?* Em desespero de causa, estica o pescoço, disposto a trinar um cântico de paz, amor e reconciliação entre as espécies.

— Cautela! — exclama um dos membros do grupo. — O cabrão vai atacar...

— Morte aos escravagistas! Morte aos neo-colonialistas!

E o grupo inteiro faz fogo sobre o Embaixador. Uns disparam lasers calcinantes. Outros, tambores de micro-flechas. Alguns, umas quantas balas de ponta oca. Sangue exótico desenha ideogramas contra a parede ultrajada. Penas esvoaçam a esmo. Um fedor a fezes, cordite e ar ionizado avassala a rua.

— Execução terminada! — troa um dos comandos King-Kong. — Longa vida às Brigadas Negras da Libertação das Espécies Oprimidas! Morte a todos os opressores das glândulas mamárias! Vitória ao polegar oponível!

O Chirptic encontra-se em estado de choque. Nem quer acreditar que o seu Mestre acabou de ser assassinado perante os seus olhos. Aliás, isso é coisa que pouco importa. Terminada a ligação neuronal com o córtex do Embaixador, poucas funções cognitivas restam ao simbiote. Um fiozinho de urina perfumada escorre-lhe entre as pernas. Perdeu a capacidade de pensar, de falar... As cordas vocais, agora, só emitem vagidos de medo.

Um dos comandos para a Libertação das Espécies Oprimidas ajoelha-se junto dele e abraça-o num amplexo de irmãos: — Agora estás livre e senhor do teu destino, companheiro. Vai e vive em paz a tua vida. Aprende a pensar por ti e a utilizar as mãos em teu próprio proveito e no da tua espécie... .

O Chirptic arregala ainda mais os olhos lemurianos. Ei-lo abandonado num

mundo incompreensível feito de formas luminosas, odores e ruídos destituídos de nexos semânticos. As mãos fecham-se e abrem-se sem que haja por ali um ramo a que se possam agarrar.

— Então, camarada? Não se agradece?

A compreensibilidade do universo esvai-se. Por fim, já nada resta a não ser o medo.

O medo e um calor húmido a escorrer-lhe pelas pernas.

— Xipiticific... fez xixi... — responde o Chirptic enfim liberto.

O Autor fala sobre a obra

Este vosso criado, escreveu *Um Dia na periferia do Império* tendo em vista os Encontros de FC em Cascais. Nos seus olhos piscos, enquanto teclava a palavra "FIM", cintilavam cifrões e os proverbiais "flashes" dos cinco minutos de fama.

"Vaidade, vaidade", cantava o bardo, a fazer ruído de fundo, "tudo é vaidade."

Ora todos nós sabemos o que acontece a quem se vangloria antes de tempo. As Parcas que tudo escutam, adoram destruír... Ainda por cima quando têm razões de sobra para o fazer.

As razões apontadas foram várias. Não só estávamos a falar da primeira convenção internacional Portuguesa, ou seja, Encontros de Ficção Científica que era suposto estarem peçados de convidados estrangeiros, criticos, autores de renome e editores, como também importava mostrar-lhes, graças a uma antologia bilingue, que nós, por cá, muito longe de Trantor e demais Impérios, também sabíamos escrever, que também eramos dotados de uma pontinha de génio. A tal antologia teria como tema proposto, Inconsequências na Periferia do Império. Foi acordado, entre todos os que nela colaboraram, que se deveria escrever um conto sobre o que seria "viver longe de". Essa estranha angústia de sermos periféricos a tudo e todos... Infelizmente ninguém o fez. Depois de inúmeros "sim senhores" as promessas caíram no olvídio. E à falta de coesão, o tema global deixou logo ali de ter sentido. Depois, como se isso não bastasse, novo horror desabou sobre o primeiro. *Shit happens*, dizem os nossos parceiros britânicos. E têm razão. Porque nesta triste e leda Periferia, não havia ninguém que soubesse retroverter os contos para Inglês, a não ser duas tradutoras simultâneas que logo se prestaram a pegar nas machadinhas. Resultado: um massacre ao texto original. Frases incompreensíveis. Expressões idiomáticas completamente adulteradas. Foi isto que chegou às mãos dos convidados. Textos numa língua parecida com o Inglês, mas um Inglês falado, talvez, no interior das densas florestas da Nova Guiné. Um Inglês adulterado pelos tradutores automáticos dos gasterópodes de Tau Ceti. Algo que nunca se devia ter apresentado, se houvesse vergonha. Ao que parece, a minha própria vergonha não serviu para nada. E o meu herói vítima, CantoFranco, continuou para sempre envolvido na mais profunda treva, ali, onde as luzes das estrelas do Centro já não chegam.

Será que alguém o leu? Duvido, porque não era o primeiro. E a fleuma, mesmo a fleuma britânica, tem limites. CantoFranco teve a sua morte solitária às mãos dos Comandos KingKong. E não houve bardo que o cantasse lá por fora.

Vaidade, vaidade, tudo é vaidade.

Ou, como diria o outro, tristes tristezas.

Espero agora, devotos leitores, que vocês aproveitem o que os outros, os tais visitantes do Centro, não conseguiram fazer.

João Barreiros, Junho de 2002